

Patrício da Irlanda e a Defesa de Missões; Uma Proposta para um Mundo em Colapso.

Gilson Santos

“Aqueles regiões da Grã-Bretanha que eram invencíveis diante dos exércitos romanos foram conquistadas pelo evangelho de Cristo”.

(Tertuliano, citado por Carey na sua obra *Enquiry*)

Em 1805, quando William Carey (1761-1834), Joshua Marshman (1768-1837) e William Ward (1769-1823) resumiram os princípios sobre os quais eles fundamentariam sua missão em Serampore, Índia, eles estabeleceram uma comparação entre o que estavam seguros que aconteceria na Índia e o que Deus havia feito nas Ilhas Britânicas cerca de 1500 anos antes.

Ele que ressuscitou os bêbados e brutalizados Bretões para os fazer assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, pode ressuscitar estes escravos da superstição, purificar seus corações pela fé, e fazê-los adoradores do único Deus em espírito e em verdade. As promessas são plenamente suficientes para remover nossas dúvidas, e para fazer-nos antecipar nada muito distante quando Ele matará de inanição a todos os deuses da Índia, e moverá estes genuínos idólatras a abandonarem seus ídolos às toupeiras e aos morcegos, renunciando para sempre a obra de suas próprias mãos.¹

A despeito da imensa tarefa com a qual se defrontava na Índia, o “Trio de Serampore” tinha confiança no Deus que havia conduzido seus distantes ancestrais, também “escravos da superstição”, à genuína fé em Cristo. Trinta anos antes, em 1792, Carey fizera um número de referências a tal evangelização das Ilhas Britânicas em sua obra que marcou época, *Uma Investigação Sobre o Dever dos Cristãos de Empregarem Meios para a Conversão dos Pagãos*.² Carey lembrou aos crentes ingleses de seus dias, especialmente aos seus irmãos batistas particulares, que os cristãos de séculos atrás “não aguardaram que os antigos [germanos, gauleses e bretões] se tornassem civilizados para então serem cristianizados, mas foram avante apenas com a doutrina da cruz”. O nome de Patrício (c. 389-461) foi um dos que receberam mais atenção no livro de Carey: “No próximo ano Patrício foi enviado da Escócia para pregar aos irlandeses, que eram antes do seu tempo totalmente incivilizados, e, alguns dizem, canibais; ele, contudo, foi profícuo, e lançou os alicerces para diversas igrejas na Irlanda”.³ Conquanto os fatos históricos indicados por Carey na sua obra não fossem todos rigorosamente corretos, isto indica que o êxito



William Carey
(1761-1834)

¹ *The Serampore Form of Agreement I*, The Baptist Quarterly, 12, 1946-1948, p. 130, apud, HAYKIN, Michael. *Defence of the Truth; Contending for The Faith Yesterday and Today*. Darlington: Evangelical Press, 2004, pp. 109-110.

² CAREY, William. *An Enquiry into the Obligations of Christians, to Use Means for the Conversion of the Heathens*. Cf. versão em Português In: WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. (Orgs.). *Missões Transculturais; Uma Perspectiva Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, pp. 275-287.

³ CAREY, *An Enquiry*. Online: <http://www.wmcarey.edu/carey/enquiry/anenquiry.pdf>

evangelístico de Patrício, bem como o de seus herdeiros espirituais na Igreja Celta, foram uma fonte de encorajamento para Carey. O quanto Carey sabia acerca da obra missionária de Patrício não é possível determinar. Entretanto, é evidente que ele viu-se excitado e inspirado pelo zelo evangelístico e a espiritualidade teocêntrica de Patrício.⁴

O Cristianismo e o Império Romano nas Ilhas Britânicas

Quando Patrício nasceu, os romanos tinham estado na Bretanha por cerca de 350 anos. Contudo, mesmo no tempo de maior glória do Império Romano, este não conseguira conquistar todas as Ilhas Britânicas, e tinha-se limitado à parte sul da Grã-Bretanha (o que hoje em dia é Inglaterra). Ao norte estavam os territórios dos pectos e escotos (onde hoje é Escócia), separados do mundo romano por uma muralha que o imperador Adriano mandara construir. A Irlanda nunca foi invadida pelos romanos. Ao sul da muralha de Adriano, os romanos riscaram o território com estradas, e centros urbanos importantes foram desenvolvidos, tais como York, Gloucester e Londres. A cultura, a educação e as artes romanas se fizeram presentes na Ilha. Os membros das camadas superiores tornaram-se genuinamente bilíngües, conversando tanto na língua nativa britânica quanto no latim de seus governantes.

Antes mesmo da conversão de Constantino (280-337), o cristianismo já se estabelecera nas Ilhas Britânicas. Entretanto, como o cristianismo chegou primeiramente à Bretanha é impossível determinar. Alguns presumem de forma plausível que teria sido através de mercadores e soldados. O missiólogo Winter sugere que os esforços de Paulo na Galácia “oferecem um indício que explica a penetração surpreendentemente precoce do evangelho nas principais regiões celtas da Europa... chegando às regiões ocidental e norte das ilhas britânicas”.⁵ E ele argumenta que “este avanço não pode ser simplesmente creditado aos romanos de fala latina que habitavam no ocidente”.

Há testemunhos que retrocedem ao segundo século referindo-se à presença de cristãos nas Ilhas Britânicas. Autores cristãos do segundo século, como Tertuliano (c. 155-222) e Orígenes (c. 185-254), testificam o fato. Em 314, estavam presentes no concílio de Arles, bispos de York, Londres e, provavelmente, Lincoln. No quarto século aparecem algumas declarações importantes acerca do cristianismo britânico. Uma delas é a que foi feita por Atanásio de Alexandria (300-373), referindo-se à igreja britânica como tendo plenamente reconhecido o Credo Niceno e condenado o arianismo.⁶

Na virada para o quinto século, encontramos os primeiros líderes eclesiásticos britânicos mais proeminentes: homens como Pelágio (c. 400) cuja aberrante perspectiva sobre a salvação recebeu a reação de Agostinho de Hipona (354-430); Fausto (c. 408-490), bispo de Riez e notório pregador; e Ninian (c. 400), um missionário entre os Pectos no sudoeste da Escócia na primeira metade do quinto século. Assim, por esta época havia na Grã-Bretanha uma população numerosa de povos cristãos e romanizados. Contudo, durante a última parte do século IV, o confortável mundo britânico romanizado começara a ruir, para nunca mais ser restaurado. Sobrevindo a queda do império romano, só a duras custas conseguira o cristianismo manter-se em meio à população celta.

Nas invasões bárbaras, algumas pessoas do mundo romano-britânico se retiraram para regiões mais fáceis de defender, enquanto que outros permaneciam em suas antigas terras, onde ficaram sob o domínio dos bárbaros que logo invadiram a ilha. Bom lembrar, entretanto, que quando as legiões romanas se retiraram da Grã-Bretanha, em meio ao desastre das invasões dos bárbaros, o que de fato abandonaram foi o sul da ilha. Quanto aos

⁴ Cf. HAYKIN, *op. cit.*, pp. 109-129.

⁵ WINTER, *op. cit.*, p. 170.

⁶ *Carta ao Imperador Joviniano*, cuja morte deu-se em 390. Cf online: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf204.xxv.iii.iv.xi.html>

bárbaros, vinham do continente europeu, e em sua maioria eram anglos e saxões. Fixaram-se em sete reinos principais (se bem que houve outros mais efêmeros e de menor importância). Os governantes de todos estes reinos eram pagãos, mas, como foi dito, entre seus súditos havia um bom número de cristãos, cujos antepassados tinham vivido nas terras desde antes das invasões.

Portanto, em fins do século V a parte ocidental do Império Romano estava dividida entre uma série de reinos bárbaros. E os sete reinos dos anglos e saxões na Grã-Bretanha estavam entre aqueles que se destacavam.

Patrício (c. 389-461)

Em tal contexto aconteceu algo de muita importância para a história do cristianismo das Ilhas Britânicas. Digno de especial menção é o homem que figura na história com o nome de “São Patrício”, e que foi denominado “o apóstolo e patrono da Irlanda”. Envolto em muitas



Patrício da Irlanda
(c. 389-461)

lendas, anacronismos, mitos e referências a milagres, o grande missionário irlandês do quinto século é uma das figuras mais mal interpretadas da história da igreja. Não obstante a opinião popular, Patrício não era nem católico romano nem irlandês. Hoje, porém, seu nome tornou-se praticamente sinônimo do catolicismo irlandês e seu verdadeiro ministério ficou obscurecido, para além de qualquer reconhecimento. Segundo as lendas que o envolvem, ele expulsou as cobras da Irlanda, fazendo com que se atirassem ao mar. Outra história conta que ele usou o trevo de três folhas, hoje símbolo da Irlanda, para explicar o mistério da Trindade. Padroeiro da Irlanda e da Irlanda do Norte, sua festa é celebrada por milhões em 17 de março, inclusive pela colônia irlandesa no Brasil. Existem também aqueles que acusam Patrício de ser um “exterminador de culturas”, dizendo que ele foi o causador do fim do celtismo na Irlanda. “O Patrício apresentado na literatura, na iconografia e na

hagiografia não é o Patrício histórico, principalmente o que percebemos dele próprio em sua *Confissão*”, observa acertadamente Dominique Vieira Coelho dos Santos.⁷

Portador de um nome que vem do latim (*patricius*)⁸, Patrício nasceu numa família cristã na província romana da Bretanha. O local e a data de seu nascimento são objetos de muito debate. Respeitados eruditos, entretanto, estão persuadidos de que seu nascimento deu-se cerca de 389 d.C. e sua morte setenta anos após, em 461. Mas o debate perdura.⁹ O certo é que Patrício é “um produto da parte final do quarto século” e que sua atividade missionária na Irlanda situa-se, na sua maior parte, na primeira metade do quinto século.¹⁰

“*Eu sou Patrício, um pecador, o mais inculto, o menor de todos os fiéis, e supremamente desprezado por muitos*”.¹¹ É assim que Patrício inicia sua obra *Confissão*, e a seguir ele revela dados importantes sobre sua família e origem. Seus pais chamavam-se Calpórnio (Calphurnius) e Conchessa. Seu pai era um homem influente, oficial (*decurion*) do conselho local na estrutura administrativa do Império Romano. Calpórnio era “diácono” e o avô de Patrício, Potito, “presbítero” da igreja celta. Isso ocorreu durante o período em que quase todo o clero era casado. Pouco se sabe dos primeiros anos de Patrício, mas alguns

⁷ Consulte SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. *Quem Foi São Patrício?; Uma Reflexão sobre Algumas Representações Acerca deste Santo*. Online: http://www.brathair.com/Revista/N9/sao_patricio.pdf. Para confrontar com uma outra fonte católico-romana, consulte online: <http://www.newadvent.org/cathen/11554a.htm>.

⁸ Há uma informação de que seu nome de nascimento era *Maewyn Succat*, e que teria tomado o de *Patrício* (nome romano) quando foi ordenado.

⁹ Outras fontes oferecem o ano de 387 como o de seu nascimento.

¹⁰ HANSON, R. P.C. *Saint Patrick: His Origins and Career*. Oxford: Clarendon Press, 1968, p. 187.

¹¹ Cf. versão da *Confissão* de Patrício em Língua Inglesa, online: <http://www.ccel.org/ccel/patrick/confession.titlepage.html>

sugerem que seu pai deu-lhe uma educação esmerada, procurando, sobretudo, instruí-lo naquelas coisas que o fariam sábio para a salvação. Outros, entretanto, apresentam evidências de que seu lar era nominalmente cristão, mas espiritualmente mundano, o que traz evidências muito persuasivas.

No início de sua *Confissão*, Patrício refere-se em termos gerais ao local de sua origem – “*Bannavem Taburniae*” (Confissão, 1). Infelizmente esta vila não tem sido identificada. As sugestões vão desde Kilpatrick, próximo de Dumbarton, na Escócia, ou algum lugar no sul do atual País de Gales, ou um povoado nas proximidades de Serven, na Inglaterra, ou até uma vila na costa da França. O provável é que a vila fosse próxima do oeste ou sudoeste da costa escocesa, onde não seria muito difícil a investida de invasores irlandeses. O fato mais importante, porém, é que menção da vila (*villulam*) de seu pai provê sólida evidência de que Patrício nasceu no contexto de uma classe privilegiada na sociedade romano-britânica, e que estava acostumado ao conforto e bem-estar.

Quando tinha apenas dezesseis anos de idade, sua vila foi invadida por um bando de saqueadores irlandeses e muitos dos jovens do sexo masculino, inclusive Patrício, foram levados para serem vendidos como escravos. Ele refere-se a “milhares de pessoas”. Patrício foi vendido a Milliuc, um fazendeiro de Slemish, onde cuidou de gado¹² durante os seis anos seguintes, na área montanhosa selvagem da Irlanda.

Embora tivesse sido criado num lar cristão, Patrício não tinha fé pessoal em Deus. Durante os anos de cativo, ele começou a refletir sobre a sua condição espiritual e sua vida mudou. Só então foi que ele se compenetrava do valor da boa doutrina que lhe haviam ensinado seus pais cristãos. O tempo que passava na solidão, dedicava-o a atos de devoção.

O Senhor permitiu que compreendesse minha incredulidade e mostrou que, por mais tarde que fosse, eu podia lembrar de minhas faltas e voltar-me para Deus de todo o coração; Ele interessou-se pela minha triste condição e compadeceu-se de minha juventude e ignorância, protegendo-me mesmo antes de vir a conhecê-lo e obter sabedoria para distinguir entre o bem e o mal; Ele fortaleceu-me e consolou-me como um pai faz a seu filho.¹³

Abandonado de qualquer proteção humana, aprendeu a ter confiança em Deus. A partir dessa época, escreve Bruce, “a vida de Patrício foi marcada por oração intensa e persistente, e de tempos a tempos ele tomava consciência de uma advertência interior em que reconhecia a resposta divina às suas orações. Foi um sinal deste tipo, no fim dos seus seis anos de servidão, que o levou a fugir de seu dono e seguir pela costa marítima, até um porto onde encontrasse um navio que o tirasse da Irlanda. Ele realmente encontrou o navio sobre o qual a voz interior o advertira...”¹⁴ Através de um acordo com o capitão do barco, conseguiu escapar, porém foi levado ao continente em vez de à sua terra, onde passou por muitas dificuldades antes de regressar à Grã-Bretanha. Informações dão conta que, tão logo aportou na porção ocidental da França, não havia alimentos no lugar, e os homens vagueavam à procura de algo para comer. Todos estavam à beira da inanição. Patrício teria recorrido à oração. Os homens não acharam o que comer, mas uma vara de porcos selvagens teria vindo ao encontro deles.



¹² Ele cuidou de ovelhas e também foi porqueiro de um rei. Tanto é que Patrício tem o sobrenome muito expressivo de *Succet*, que significa “porqueiro”. Consulte SANTOS, op. cit.

¹³ BRUCE, F. F. *The Spreading Flame; The Rise and Progress of Christianity from Its First Beginnings to the Conversion of the English*. Grand Rapids: Zondervan, 1970, p.80, apud TUCKER, Ruth A. “...Até aos Confins da Terra”; *Uma História Biográfica das Missões Cristãs*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 39.

¹⁴ BRUCE, op. cit., p. 373.

Como homem livre, Patrício viajou para a ilha de Santo Honorato, junto à costa da Riviera francesa. Isolando-se por algum tempo como monge na Abadia de Lérins, na costa meridional da França, ele voltou mais tarde ao seu antigo lar, onde foi recebido por parentes que tinham sobrevivido ao ataque em que fora capturado. Durante esse período após sua volta à Bretanha, Patrício gozava do que parecia ser um repouso merecido. Porém, ele relata em sua *Confissão* que Deus o chamou “na calada da noite”. Este foi o seu chamado macedônico:

Vi um homem chamado Victórico, como se viesse da Irlanda, com inúmeras cartas: e ele deu-me uma delas. Enquanto lia o começo da carta, pensei naquele mesmo momento ouvir a voz daqueles que estavam para além da floresta de Focluth, junto ao mar ocidental; e foi isto que disseram: ‘Por favor, santa juventude, venha e ande entre nós novamente’. O grito deles atingiu-me o coração e não pude continuar lendo, e então acordei.¹⁵

Ao mesmo tempo, parecia uma empresa assaz temerária ir à ilha onde o fizeram escravo; constrangia-o, porém, o amor de Cristo e enfim tomou a resolução de partir. As solicitações de seus amigos e de seus parentes não conseguiram demovê-lo desse propósito. Deixou o local em que morava encomendado à graça de Deus pelos cristãos dali. Os laços domésticos foram novamente cortados, pois aquela missão exigiria esse sacrifício pessoal. Ele nunca mais retornaria à sua família.

A missão de Patrício à Irlanda não ocorreu imediatamente após o chamado. Ele foi primeiro estudar na igreja de Auxerre, na Gália. Mas mesmo depois de seu período de estudo e sua ordenação como diácono, seus superiores duvidaram de sua capacidade para tal missão e indicaram Paládio para a mesma. Paládio, porém, morreu menos de um ano depois de chegar à Irlanda e isso abriu caminho para Patrício. Ele já passara a casa dos quarenta, mas aparentemente achava-se mais ansioso do que nunca para cumprir seu chamado. Foi durante este tempo de preparação que Patrício tomou familiaridade com a Bíblia em Latim, tanto que ele teve ocasião de descrever-se como um homem *unius libri* – um homem de um só livro. Em 432 teria sido sagrado bispo missionário pelo Bispo Germano de Auxerre, e deu início à sua labuta na Irlanda, que haveria de findar somente com sua morte.¹⁶ Uma fonte histórica dá conta que as idéias heréticas do monge britânico Pelágio (c.400) tinham curso na Irlanda, e que Patrício foi enviado para lá com a incumbência de combatê-las e de anular a influência local dos sacerdotes druidas.

Quando Patrício chegou à Irlanda em 432, tinha ele a grande vantagem de já conhecer a língua e os costumes de seus habitantes. Havia grupos isolados de cristãos, mas a vasta maioria do povo continuava firmada no paganismo. Eles adoravam o sol, a luz, o vento, a água, o fogo e as pedras, assim como criam em espíritos bons e maus de todos os tipos, habitando as árvores e os montes. A magia e o sacrifício – inclusive o sacrifício humano – faziam parte dos ritos religiosos realizados pelos druidas ou sacerdotes.

Não é de surpreender que Patrício imediatamente encontrasse forte oposição por parte dos druidas, mas ele reconheceu a ordem social e política deles e finalmente alguns dos poderosos chefes druidas foram convertidos ao cristianismo. Não demorou muito para que os druidas, como uma classe, começassem a perder seu poder, mas suas crenças mágicas perduraram mediante a aparente transigência de Patrício com o paganismo. Bruce sugere que ele procurou diminuir o prestígio das mesmas, “não pelo poder da mensagem cristã, mas por provar ser um druida mais poderoso do que os druidas pagãos”,¹⁷ cujo fenômeno os

¹⁵ BRUCE, *op. cit.*, p. 374.

¹⁶ Algumas fontes indicam que sua morte ocorreu em Saul, Downpatrick, Irlanda, no dia 17 de março de 493, embora a maioria indique os anos de 460 ou 461. A data de 493 parece ter sido criada pelos biógrafos medievais, assim ele morreria com a idade de cento e vinte anos, a mesma idade de Moisés. O seu corpo só foi encontrado no século XII, especificamente no dia 24 de março de 1185. Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média; o Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 24.

¹⁷ BRUCE, *op. cit.*, pp. 376-377.

missiólogos modernos reconhecem como “encontro ou confronto de poderes”. Nem todos os missiólogos estão unânimes neste ponto, entretanto. Bruce argumenta que esse tipo de magia supersticiosa continuou durante séculos no cristianismo celta.

Logo depois de chegar à Irlanda, Patrício assegurou uma importante vitória ao convencer o rei Loigaire a conceder tolerância religiosa para os cristãos. Pouco tempo depois, o irmão do rei foi convertido e doou terras a Patrício para construir uma igreja em seu domínio. Após o estabelecimento da igreja, Patrício mudou-se para outras regiões onde o evangelho jamais fora pregado; e por volta do ano 447, depois de quinze anos de pregação, grande parte da Irlanda havia sido evangelizada. Reunia ao ar livre grandes congregações que cada vez tomavam mais interesse na história da cruz. As mentes rudes dos camponeses começaram a compreender o amor de Cristo, e muitos deles se converteram, abandonando a idolatria para servirem ao Deus vivo e verdadeiro.

Embora a essa altura Patrício fosse reconhecido em toda a Irlanda como um grande homem de Deus, sua popularidade e prestígio não haviam sido fáceis. Suportou a adversidade dos sacerdotes locais, dos reis que tentou converter, e dos ataques britânicos que perturbavam sua obra e massacravam os convertidos. Em sua *Confissão*, ele conta a vida perigosa que teve. Doze vezes enfrentou situações em que correu risco de vida, inclusive um seqüestro angustiante e um cativeiro de duas semanas. Com base em sua *Confissão*, podemos ser informados de que ele era considerado rústico e destituído de educação superior. E, de fato, ele confessou-se culpado disso. Sua vida, incluindo a questão da interrupção de sua educação devido ao cativeiro na Irlanda, impedia que ele freqüentasse escolas, conforme gostaria de ter feito. Além disso, diferente de outros, ele foi forçado a usar um idioma estrangeiro em sua juventude; e isso muito dificultou os seus estudos na adolescência. Também foi acusado de estar na Irlanda por causa do dinheiro que dali poderia obter. Mas essa acusação ele rebateu com sucesso, demonstrando, a sobejo, que ele recusara presentes oferecidos por seus convertidos vivendo de forma simples e frugal. Por igual modo foi acusado de gastar dinheiro muito livremente. Mas ele não gastava dinheiro em proveito próprio, e vivia em relativa pobreza. Quase todo o seu dinheiro era canalizado para obras assistenciais, que eram extensas. Apesar disso tudo, ele perseverou em seu trabalho por mais de trinta anos, motivado pelo temor além de várias outras coisas. “Temo perder o trabalho que comecei” com receio de que Deus “me considere culpado”.¹⁸ “Rogo a Deus” – dizia ele – “que me dê perseverança, e o poder de ser uma testemunha fiel e aprovada até o fim”.¹⁹ Embora combatido, Patrício trabalhou mais abundantemente do que todos os seus críticos. Quando teve sua autoridade questionada, ele recorreu às Escrituras e jamais mencionou qualquer ligação sua com a Igreja de Roma ou em outras partes, com a tradição eclesiástica ou com algum concílio.

Os métodos evangelísticos de Patrício eram semelhantes de certo modo aos de tantos missionários antes e após ele. Seu primeiro passo na evangelização de uma nova área era atrair o líder político na esperança de que seus subordinados o seguissem, e ele não deixava de oferecer presentes a esses governantes locais. Ao contrário de tantos missionários católicos, porém, Patrício e os missionários celtas que o seguiram, deram grande ênfase ao crescimento espiritual. Cultivava o canto e a poesia, elementos que lhe prestaram não pequeno auxílio em ganhar esse povo tão amante da música. Ele introduziu o latim e a cultura européia na Irlanda, e conduziu a construção de mosteiros, a ponto da Irlanda vir a ser identificada como “a ilha dos mosteiros”. A construção de mosteiros possibilitou um sistema de escrita e preservação de textos que obteve grande êxito. O estudo, a cópia, a tradução e a educação ganharam com isso.

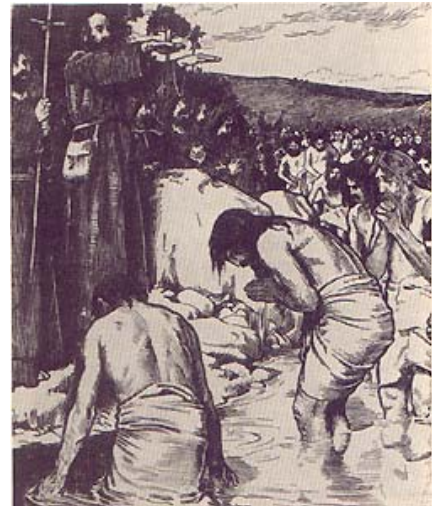
¹⁸ KANE, J. Herbert. “Saint Patrick – Evangelical Missionary to Ireland”. *Eternity*, 23, nº 7, Julho de 1972, p. 34, apud TUCKER, *op. cit.*, p. 40.

¹⁹ VARETTO, Juan C. *Eles Morreram pela Fé*. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 25.

O enorme êxito de Patrício como missionário e evangelista evidenciou-se nas duzentas igrejas plantadas por ele e nos cem mil convertidos que batizou segundo se calcula. Conta-se que seu êxito foi tamanho que algumas vezes batizou multidões de irlandeses, simplesmente mandando que todos entrassem nas águas de um rio, depois do que ele pronunciava a fórmula batismal sobre a multidão.

Os convertidos recebiam instruções intensas sobre as Escrituras e eram encorajados a envolver-se no ministério. As mulheres desempenhavam um papel significativo nas igrejas celtas, embora Patrício tivesse cuidado em seu relacionamento com elas, na sua condição de solteiro, “recusando os presentes das mulheres piedosas para que não surgisse qualquer causa de escândalo”.²⁰ Muitos jovens o seguiam com entusiasmo, e por meio de bons livros que introduzia da França e da Inglaterra, instruía-os, preparando-os para que pudessem ser os seus cooperadores na obra do Senhor. Logo ele começou a ordenar e instruir presbíteros irlandeses, a fim de que servissem de pastores aos recém-convertidos. Assim surgiu na Irlanda uma forte igreja, que logo começou a enviar os seus próprios missionários a outras regiões.

Historiadores tais como Neander (1789-1850) demonstram que as igrejas fundadas por Patrício nunca tiveram relação com Roma, e a isto se deve o fato de que por muito tempo se vissem livres de sua influência.²¹ A palavra “Roma” não é mencionada nos escritos de Patrício, e a idéia de purgatório lhe é completamente desconhecida. Na sua obra, Patrício fala apenas de terra, inferno e céu (Confissão, 4). O único livro amplamente citado por Patrício é a Bíblia.²² Ele batizava por imersão. J. C. Varetto chega a dizer: “O São Patrício da história estaria absolutamente a gosto numa igreja protestante, se vivesse em nossos dias. É uma personagem muito diferente da que pintam as lendas papistas”.²³ Alguns batistas sucessionistas chegam até mesmo a classificar Patrício entre os seus ancestrais batistas!²⁴ É fato que a Igreja que Patrício fundou na Irlanda tinha várias características que a distinguiam do cristianismo no restante da Europa. Gonzáles destaca que, “destas a mais notável era que, em vez de ser governada por bispos, quem tinha autoridade eram os abades dos conventos. Além disto, o Domingo da Ressurreição era celebrado em outra data, as tonsuras dos clérigos eram diferentes, etc”.²⁵



Dominique Vieira Coelho dos Santos, em sua tese secular e bastante imparcial, baseando-se nos próprios escritos de Patrício, escreve acerca do credo dele:

Segundo o que diz, Deus fez com que fosse disperso entre pessoas estrangeiras até os confins da terra... Foi dessa forma que Patrício foi parar na Irlanda pela primeira vez...

²⁰ LATOURETTE, Kenneth Scott. “The First FiveCenturies”, vol. 1 de *A History of The Expansion of Christianity*. Grand Rapids: Zondervan, 1970, p. 219.

²¹ NEANDER, Augustus. *History of the Christian Church*, 5 Vols. Boston : Houghton, Mifflin and company, 1871. Para os livros de Neander: http://www.exorthodoxforchrist.com/augustus_neander_and_more_books.htm

²² O MATHÚNA, Dónal P. *Saint Patrick: His Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*. Ohio: Ashland, 1992, *apud* SANTOS, *op. cit.*

²³ VARETTO, *op. cit.* p. 25.

²⁴ Cf. LANDIS, L. K. *St. Patrick A Baptist!* Online: <http://www.carmichaelbaptist.org/Sermons/landis1.htm>. Cf. Tradução em português, *online* <http://solascriptura-tt.org/PessoasNosSeculos/SaoPatrícioUmBatista-Landis.htm>

²⁵ GONZÁLEZ, Justo L. *A Era das Trevas*. Uma História Ilustrada do Cristianismo. Vol. 3. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 27.

O próximo ponto do credo de Patrício a ser analisado é o referente à oração. Este ponto ocupa um dos lugares centrais na *Confissão* de Patrício e várias vezes ele se refere à oração... Orar para Patrício significava falar diretamente com Deus. Era por este meio que ele pedia ajuda (*Confissão*, 19); agradecia (*Confissão*, 16)... Durante todo tempo, Patrício se humilha e expressa que tudo quanto faz e sabe é oriundo de Deus. Até mesmo para fazer as orações é necessária a ajuda divina. Segundo ele: “O Espírito nos auxilia na debilidade de nossas orações, pois não sabemos orar como convém, é ele que intercede por nós com gemidos inexprimíveis, que não podemos narrar, é o Senhor, nosso advogado que intercede por nós (*Confissão*, 25).²⁶

Algo que merece destaque, também acerca do credo de Patrício, é a confissão que não permite que ele seja encaixado na doutrina do arianismo. Esta foi uma das primeiras heresias cristãs referentes à natureza de Cristo. O seu criador foi o bispo Ário. Segundo esta heresia, Cristo não seria co-eterno com o pai e nem possuiria a mesma substância. Embora esta doutrina tenha sido rejeitada pelo Concílio de Nicéia, no ano de 325, ela se propagou pelo ocidente, tendo conseguido vários adeptos.

Patrício reconhece a divindade da pessoa de Jesus Cristo e acredita que ele é uno com o Pai e também acredita na Trindade. Ele acredita na “glória de Cristo, nosso redentor”. Crê que “somos filhos de Deus e co-herdeiros de Cristo”; “destinados a ser conforme sua imagem”; “porque reinaremos por meio dele, nele, e por ele”; “adoramos o verdadeiro Cristo, que nunca morrerá”; “aquele que permanece para sempre, e reina com Deus Pai todo poderoso e com o Espírito Santo antes do começo dos tempos, agora e também para sempre”. São muitas as referências da *Confissão* de Patrício que refutam a idéia de que ele poderia ser adepto da heresia ariana.

Sobre a escatologia em Patrício, isto é, como está presente na *Confissão* a doutrina relacionada aos estudos das últimas coisas, devemos dizer que há um final do mundo, ou seja, o destino de toda a humanidade terá um fim. “No dia do Juízo os homens prestarão contas de cada palavra vã que disserem” (*Confissão*, 7). Neste dia, Deus será o juiz dos vivos e dos mortos. Irão para o céu todos os que acreditarem na doutrina de Cristo, enquanto que aqueles que não seguirem esta crença irão para o inferno. No credo de Patrício não existe o *purgatorium* (doutrina criada no século XII), somente céu e inferno. Todos hão de comparecer diante do tribunal de Cristo, que a todos irá julgar segundo merecimento e justiça perfeita. Aquele que “crer e for batizado” será salvo; aquele que “não crer, verdadeiramente será condenado” (*Confissão*, 40). Depois que todos forem conscientes desta sentença e tiverem ouvido a palavra de Jesus Cristo, então virá o fim dos tempos.

Ao longo da *Confissão* de Patrício, percebemos que as doutrinas apresentadas são bastante próximas do que o protestantismo prega e embora a Igreja Católica o reivindique como um santo ligado a seu credo, isso não parece ter muita procedência. O arcebispo Ussher no século XVII tentou estabelecer que o protestantismo fosse um retorno ao caminho de Patrício, tamanha a semelhança das doutrinas...²⁷ Isso acontece principalmente quanto à escatologia e à autoridade de um líder máximo, que em Patrício é restrito à pessoa de Jesus Cristo, estendendo-se no máximo para a autoridade da Bíblia. Todo o credo de Patrício se apóia nela.²⁸

A doutrina trinitariana de Patrício era forte e notavelmente nicênic. Porém, ele não se revela um ortodoxo frio ou arrogante. Patrício estava sempre consciente de suas falhas e

²⁶ Citando o apóstolo Paulo em Romanos 8.26-27.

²⁷ O MATHÚNA, *op. cit.*

²⁸ SANTOS, *op. cit.*

dava crédito a Deus por todos os seus empreendimentos. O que lhe faltava em força própria, Deus graciosamente provia, e ele concluiu sua *Confissão* com o seguinte testemunho:

Oro para que os que crêem e temem a Deus, quem quer que se tenha dignado a examinar ou aceitar este documento, preparado na Irlanda por Patrício, o pecador, homem inculto como se sabe, para que ninguém jamais diga que foi minha ignorância que realizou qualquer coisa que fiz ou mostrei conforme a vontade de Deus; mas, julguem e seja verdadeiramente crido, que foi dom de Deus. E esta é a minha confissão antes que morra.²⁹

A Defesa das Missões; Uma Proposta para um Mundo em Colapso

O missiólogo Winter, ao descrever o período em que o cristianismo tornou-se religião oficial no Império Romano, escreve:

Mais importante para nós do que o fato de o cristianismo ter-se tornado a religião oficial, é o fato de o cristianismo romano ocidental não ter dedicado atenção especial ao cumprimento da grande comissão, pelo menos não nesse período. Não se trata de os romanos desconhecerem o vasto campo missionário ao norte, pois afinal de contas, os líderes militares e políticos de Roma tiveram de lidar com as tribos germânicas durante séculos.

...Como teria sido melhor para os romanos se nesses curtos cem anos de tolerância oficial do cristianismo (310-410), antes da primeira invasão pelos bárbaros, os cristãos tivessem se consagrado a esforços missionários vigorosos e construtivos... Talvez um pouco mais de cristianismo tivesse evitado o completo colapso da estrutura governamental do império romano no ocidente.³⁰

Justamente nessa época os cristãos estavam traduzindo a Bíblia para o latim e se tornando mais e mais eloqüentes no debate teológico. Eusébio de Cesaréia (263-339), na qualidade de historiador oficial, estava editando uma monumental coleção de escritos de tempos anteriores. Os heréticos foram expulsos do império, e Roma tornou-se oficialmente cristã.

Patrício, tal qual Agostinho, viveu em um dia de declínio e queda. No início do quinto século, o “mundo” que estava colapsando na direção do caos, assistiu, por um lado, a influência da doutrina agostiniana, e por outro, a defesa da importância das missões. No mesmo contexto em que Agostinho via-se envolvido em sua monumental, penosa e volumosa *Cidade de Deus* (413-26), Patrício fazia a defesa da obra missionária. O fato indisputável é que, enquanto os romanos perderam a metade ocidental de seu império, num sentido muito dramático o povo bárbaro ganhou uma fé cristã.

Para a compreensão do pensamento e ministério de Patrício, deve-se examinar dois dos escritos que, sem sombra de dúvida, são apontados como seus: a *Confissão* e a *Carta aos Soldados de Coroticus*.³¹ Esses documentos, muito queridos da igreja celta, foram obviamente copiados e transmitidos.

Patrício nunca perdeu de vista o fato de que era a graça de Deus que estava por trás de cada êxito de sua missão. “Eu sou muito devedor a Deus que deu-me tal grande graça de que muitas pessoas nascessem de novo em Deus por minha instrumentalidade” (*Confissão*, 38).

A toda a hora darei graças ao meu Deus, que me conservou fiel no dia da provação... Quem sou eu, Senhor, ou qual é a minha vocação, para me terdes concedido tantas

²⁹ BRUCE, *op. cit.*, p. 381.

³⁰ WINTER, *op. cit.*, pp. 171ss.

³¹ Para uma versão em Inglês da *Carta aos Soldados de Coroticus*, online <http://www.yale.edu/glc/archive/1166.htm>

graças do Céu? Por vossa graça, posso hoje constantemente exultar e glorificar o vosso nome entre os gentios, onde quer que me encontre, na prosperidade como nas tribulações; suceda o que suceder, de bom ou de mau, tudo aceitarei com igual ânimo e sempre darei graças a Deus, que me ensinou a confiar n'Ele sem limites...

Donde me veio esta sabedoria, que não estava em mim, que nem sabia contar o número dos dias, nem saborear a bondade de Deus? Donde me veio depois o dom tão grande e tão salutar, não só de conhecer e amar a Deus, mas de deixar a pátria e a família e de vir até aos povos da Irlanda para pregar o evangelho, receber os ultrajes dos incrédulos, ser desprezado como estrangeiro e suportar inumeráveis perseguições até ser encarcerado, e sacrificar a minha condição de homem livre pelo bem dos outros?

...Porque é grande a minha dívida para com Deus que me concedeu esta tão grande graça: por mim, muitos povos renasceram para Deus e em seguida foram conduzidos à perfeição... É aqui que eu quero esperar a realização da sua promessa que nunca engana, como está garantido no Evangelho: *Virão do Oriente e do Ocidente, e sentar-se-ão à mesa com Abraão e Isaque e Jacó*. Assim cremos que do mundo inteiro hão de vir os crentes.³²

A defesa que Patrício faz de missões está em toda a sua obra, tanto escrita quanto vivida. Patrício também tinha uma rica espiritualidade, centrada no Deus triúno. Sua fé neste Deus, da qual floresceu sua obra missionária, ele sumarizou:

Portanto, eu não posso ficar silente - nem, na verdade, isto é expediente – a respeito dos grandes benefícios e da grande graça a qual o Senhor tem se dignado conceder-me na terra do meu cativo; por isto nós podemos dar a Deus em retribuição, depois de ter sido castigados por Ele, exaltá-lo e louvar Suas maravilhas, ante toda nação que, em qualquer parte, existe debaixo do céu. Porque não há nenhum outro Deus, nem jamais houve, nem haverá, exceto Deus, o Pai, nunca gerado, sem princípio, a partir do qual são todos os princípios, o Senhor do universo, como temos sido ensinados; e Seu filho Jesus Cristo, o qual declaramos ter sempre estado com o Pai, gerado espiritual e inefavelmente antes do princípio do mundo, antes de todos os princípios; e por Ele foram feitas todas as coisas visíveis e invisíveis.

Ele foi feito homem e, tendo derrotado a morte, foi recebido no céu pelo Pai; e Ele [o Pai] tem a dado a Ele [o Filho] todo poder acima de todos os nomes no céu, sobre a terra, e debaixo da terra, e toda língua confessará a Ele [o Pai] que Jesus Cristo é Senhor e Deus, no qual nós cremos, e cujo advento esperamos será em breve, juiz dos vivos e dos mortos, que irá retribuir a cada homem de acordo com suas obras; e Ele tem abundantemente derramado sobre nós o Espírito Santo, [que é] o dom e o penhor da imortalidade, quem [o Espírito Santo], daqueles que crêem e obedecem, faz filhos de Deus e juntamente herdeiros com Cristo; a Ele nós confessamos e adoramos, um só Deus na Trindade do Santo Nome.³³

Há dois pontos de especial interesse nesta declaração. Primeiro, alguns estudiosos sugerem que esta declaração é a única vez na *Confissão* em que Patrício está citando uma outra obra além da Bíblia em Latim. Eles indicam que Patrício está reproduzindo a *Confissão de Fé* que a igreja Britânica utilizava para instruir os novos crentes nos essenciais da fé Cristã.

Segundo, na parte final Patrício sumariza sua fé como sendo em “um Deus na Trindade do Santo Nome”. Foi esta fé no Deus triúno que conduziu Patrício à Irlanda e a permanecer lá até sua morte. Esta era uma fé “ligada pelo Espírito”, para utilizar uma expressão dele mesmo (Confissão, 43). Esta frase é retirada diretamente de Atos 20.22-23 (ARC), onde o apóstolo Paulo despede-se dos presbíteros de Éfeso. Disse Paulo que, “ligado

³² *Confissão*

³³ *Confissão*, 4. Uma tradução bastante literal.

pelo Espírito” ia para Jerusalém, a despeito da probabilidade de que ele experimentaria “prisões e tribulações”. O apóstolo está comprometido em fazer a vontade de Deus, não importando o custo. A clara implicação é que Patrício usa este termo para compartilhar o mesmo compromisso do Apóstolo.



Na mente de Patrício, ele tinha sido chamado para pregar o evangelho para a *última nação* naqueles *últimos dias*. Era a Irlanda “o mais ocidental dos países” da Europa, além da qual “não havia nada”, apenas o Oceano. A Irlanda era, literalmente, os “confins da terra”. E a queda do Império Romano, que estava fresca em sua memória, era um evento que reputava como um sinal do fim do mundo. Patrício, entretanto, estava errado quanto a Irlanda ser o último país a ser evangelizado antes do fim do mundo!

O fato histórico é que Patrício chegou a uma Irlanda quase inteiramente pagã, mas, ao morrer, deixou uma Irlanda com notável influência cristã. A forma, porém, como ele se vê é muito diferente daquela como as biografias hagiográficas medievais o descrevem. Ele não se descreve como um “poderoso santo milagreiro”, mas da seguinte maneira: “Sou ignorante e pecador, tudo o que fiz e sei é um dom de Deus”.

De “campo missionário” a “celeiro missionário”

Pouco depois da atuação de Patrício, a Irlanda tinha se transformado em um centro missionário. Tratava-se de um esplêndido empreendimento missionário orientado pela igreja celta. A esta altura os bárbaros já tinham invadido a Grã-Bretanha. Foi a Bretanha, terra natal do primeiro grande missionário para a Irlanda, que se tornou o seu primeiro campo missionário “estrangeiro”.

Os mosteiros irlandeses foram dos poucos centros onde se preservaram os conhecimentos da antiguidade durante o período caótico que seguiu às invasões dos bárbaros. Durante o período em que a Europa enfrentou vários problemas e crises devido a várias invasões, a Irlanda salvou da morte grande parte da literatura greco-latina conhecida, “preservando assim a civilização ocidental”.³⁴ A Irlanda passou para a história como a “ilha dos santos e eruditos”. Winter registra:

Em nossa era secular é constrangedor admitir que, não fosse por estes cristãos muito cultos, do “campo missionário”, que preservaram e copiaram manuscritos (não apenas da Bíblia, mas também de antigos cristãos e de clássicos não-cristãos), saberíamos a respeito do império romano tanto quanto sabemos acerca dos impérios maia ou inca, ou de quaisquer outros impérios que há tempos deixaram de existir e quase não deixaram vestígios.³⁵



O que fez a grandeza dos monges irlandeses foi o desenvolvimento de uma admirável cultura cristã e uma igualmente admirável paixão missionária. Do monaquismo irlandês

³⁴ CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 12.

³⁵ WINTER, *op. cit.*, p. 173.

partiram missionários em direção ao continente num processo de evangelização que alcançou várias localidades, tais como: Escócia, Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Itália, Áustria, entre outras. Aqui está uma das principais contribuições de Patrício! Os monges missionários provenientes da Irlanda eram ao mesmo tempo pessoas devotas e estudiosas.

A Bretanha do Norte deve o seu cristianismo aos irlandeses. Em meados do século VI a maior parte da Escócia era ainda inteiramente pagã e selvagem. O grande missionário da Escócia foi Columba (c. 521-597), homem intimamente relacionado com algumas das mais poderosas famílias tribais da Irlanda.³⁶ Columba era discípulo de Finiano de Clonard (c. 470-548), o grande propagador do tipo especificamente irlandês de vida monástica, e sob cuja influência veio a existir um grupo de mosteiros irlandeses fortemente missionários e, para aquela época, notavelmente eruditos. Columba era também amigo íntimo de Comgall de Bangor (517-601), líder de um dos maiores mosteiros irlandeses, em Bangor, nordeste da Irlanda. Columba estabeleceu um grande número de igrejas e mosteiros na Irlanda. Alto, de boa aparência, com grande energia física, constantemente cantando os *Salmos de Davi* em uma voz estrondosa, impávido, e apaixonado por viagens e aventuras, Columba sumariza em sua própria pessoa e vida a essência do Cristianismo Celta.³⁷

Por volta de 563 o irlandês Columba e doze companheiros se estabeleceram na pequena ilha de Iona, diante das costas da Escócia. Ali fundaram um mosteiro que queriam que fosse um centro missionário para a conversão dos Pectos, que ocupavam dois terços setentrionais da Escócia. O estudo metódico da Bíblia produziu resultados assombrosos. A partir dali, “o apóstolo da Escócia” e seus companheiros promoveram uma notável obra missionária nas Ilhas Britânicas. O cristianismo irlandês que Columba e os seus trouxeram à Grã-Bretanha diferia em alguns aspectos do que se praticava no restante da Europa Ocidental.



Merle D´Aubigné põe nos lábios de Columba e de seus colaboradores palavras como estas: “A Santa Escritura é a única regra de fé. Repeli o mérito das boas obras e não espereis vossa salvação senão na graça de Deus. Guardai-vos de uma religião que consista em práticas exteriores; é melhor guardar limpo o coração diante de Deus do que abster-se de certas comidas. Um só é o vosso chefe, Jesus Cristo. Os bispos e os presbíteros são iguais; é necessário que sejam maridos de uma só mulher, e que tenham seus filhos em sujeição”.³⁸ E Varetto faz questão de lembrar: “Não conheciam a transubstanciação, nem a comunhão em uma só espécie, nem a confissão auricular, nem a invocação dos mortos, nem as velas, nem o incenso”.³⁹ Os monges missionários celtas, nas palavras de E. H. Broadbent, realizaram “uma forma mais pura de trabalho missionário... do que o proveniente de Roma”.⁴⁰

O método deles era visitar um país, e onde parecesse adequado, fundar uma vila missionária. Eles construíam uma “igreja” simples de madeira, cercada por salas de aula e choupanas para os monges, que eram construtores, pregadores e professores. Do lado de fora desse círculo, como exigido, ficavam as habitações dos alunos e suas famílias, que gradualmente se reuniam à sua volta. O conjunto era cercado por um muro, mas a colônia quase sempre se espalhava para além do terreno original. Grupos de doze monges saíam,

³⁶ Para confrontar com uma fonte católico-romana, consulte online: <http://www.newadvent.org/cathen/04136a.htm>

³⁷ NEEDHAM, N. R. *2000 Years of Christ's Power*. Part One: The Age of The Early Church Fathers. Londres: Grace Publications Trust, 2002, p. 306.

³⁸ D´AUBIGNÉ, Merle. *Histoire de la Reformation*, apud VARETTO, op. cit., p. 26.

³⁹ VARETTO, op. cit., pp. 26-27.

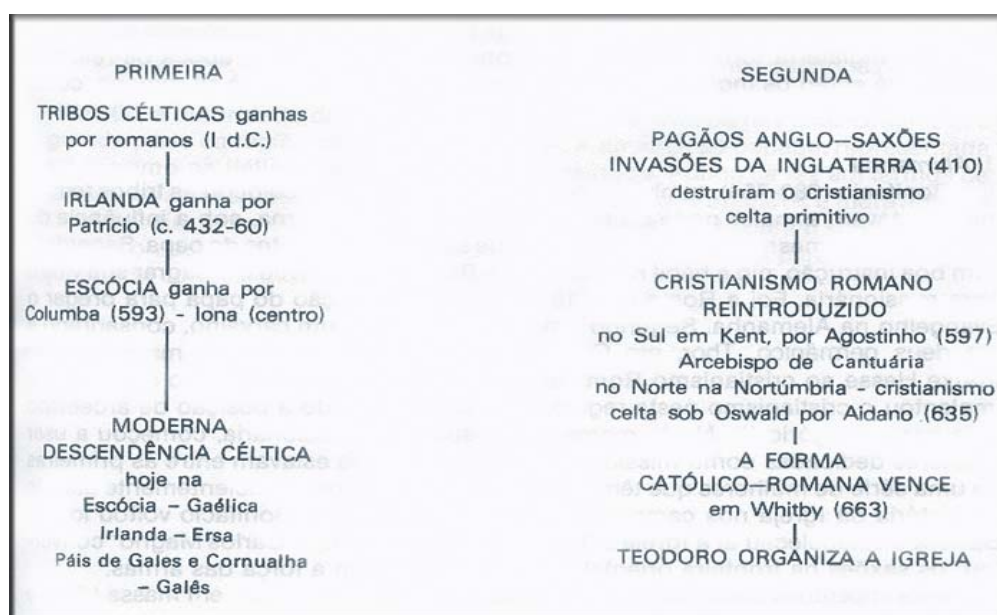
⁴⁰ BROADBENT, E. H. *The Pilgrim Church*. Londres: Pickering & Inglis, 1974, pp. 34-35, apud, TUCKER, op. cit., pp. 41-42.

cada um sob a liderança de um abade, a fim de abrir novos campos para o evangelho. Os que ficavam davam aulas na escola e tão logo aprendiam suficientemente bem a língua do povo em cujo meio estavam, eles traduziam e escreviam partes das Escrituras, assim como hinos, ensinando essas coisas aos alunos. Tinham liberdade para casar-se ou permanecer solteiros; muitos permaneciam solteiros a fim de ter mais liberdade para o trabalho. Ao serem feitos alguns convertidos, os missionários escolhiam entre eles pequenos grupos de jovens capazes, e lhes ensinavam a Bíblia e como explicá-la a outros, capacitando-os assim a trabalhar entre seu próprio povo.

Eles adiavam o batismo até que os novos crentes tivessem recebido um certo grau de instrução e dado alguma prova de firmeza na fé. Eles evitavam atacar as religiões do povo, achando mais proveitoso pregar-lhes a verdade do que expor os seus erros. Aceitavam as Sagradas Escrituras como a fonte de fé e de vida e pregavam a justificação pela fé. Não tomavam parte na política nem pediam ajuda ao Estado. Como foi dito, todo este trabalho, em sua origem e progresso, embora tivesse desenvolvido alguns aspectos alheios aos ensinamentos do Novo Testamento e exemplo apostólico, era independente de Roma e diferia em pontos importantes do sistema católico romano.⁴¹

No século VII, a partir da Irlanda, de Iona, da Escócia e dos reinos do Norte avançava uma forma de cristianismo. Por outro lado, a partir do Sul avançava o cristianismo procedente de Roma. O conflito era inevitável, quando as duas formas se encontraram. Os missionários romanos entraram em controvérsia com os cristãos de tradição irlandesa ou “velho-britânica”. Para resolver as dificuldades, reuniu-se um sínodo em Whitby, na Inglaterra, em 663-4. Os missionários irlandeses e seus seguidores defendiam sua posição diante do sínodo dizendo que tinham recebido sua tradição de Patrício e Columba. Os missionários romanos discordavam, dizendo que a autoridade de Pedro era maior que a de Columba, já que o apóstolo recebera as “chaves do Reino”. Roma encontrou o seu defensor em Wilfrid (634-709), rei nórdico déspota. Por intervenção do rei de Northumbria, o sínodo de Whitby optou pelas tradições do continente europeu, e rechaçou a dos irlandeses. Havia fortes razões para que a longo prazo o cristianismo das Ilhas Britânicas tenderia a seguir os costumes do restante do cristianismo ocidental.

DUAS EVANGELIZAÇÕES DAS ILHAS BRITÂNICAS ⁴²



⁴¹ *Ídem.*

⁴² CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos; Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 143

Fato é que com a decisão de Whitby e de outros concílios semelhantes, a igreja nas Ilhas Britânicas passou a receber forte e crescente influência do continente. Era este um passo no sentido da imposição de um padrão uniforme com que Roma viria a manifestar-se durante mais de mil anos. Mais tarde, a autoridade do arcebispo de Cantuária (*Canterbury*) estendeu-se efetivamente a toda a Inglaterra.

Na verdade, a Europa bárbara foi conquistada para o cristianismo mais pelo testemunho e trabalho dos convertidos celtas e anglo-saxões do que pelo esforço de missionários oriundos da Itália ou da Gália. Este fato iria influenciar decisivamente a mudança permanente e visível do poder na Europa ocidental para as mãos dos europeus que habitavam mais ao norte. Mesmo numa data tão tardia quanto 596, quando o primeiro missionário de Roma que seguiu para o norte (e com muita hesitação), cruzou o rastro do muito mais ousado e viajado missionário irlandês Columbano⁴³, que no seu trabalho já havia quase chegado às portas de Roma, e que estava mais distante de sua terra natal do que a distância que Agostinho⁴⁴ pretendia afastar-se da sua... Nem Roma como cidade nem a península itálica como região jamais voltariam a ser politicamente tão importantes como as principais cidades das nações-filhas – Espanha, França, Alemanha e Inglaterra.⁴⁵

A Renascença Carolíngia

A canonização de Patrício foi concedida no Sínodo de Whitby, cerca de dois séculos depois de sua morte, portanto, como um incentivo para colocar a igreja celta sob o domínio católico romano. Walker é da opinião que a combinação das duas correntes resultou em que “a de cepa romana deu como contribuição a ordem; a `velho-britânica` emprestou o seu zelo missionário e amor pelo estudo. A erudição característica dos mosteiros irlandeses transplantou-se para a Inglaterra.”⁴⁶ Exemplo eminente de tal movimento intelectual foi Bede, “O Venerável” (c. 672-735), membro, durante quase toda sua vida, de um mosteiro britânico. Bede era altamente respeitado em face de sua piedade e erudição, a qual abarcava o âmbito inteiro do conhecimento do seu tempo. Ele escreveu trabalhos sobre gramática, comentários bíblicos, homilias, e poemas, bem como sua famosa *História Eclesiástica dos povos ingleses*. Gonzáles destaca que “a tradição que Bede e seus companheiros representaram foi o elo entre a Antiguidade e o despertar teológico e filosófico que aconteceu no Império Carolíngio”.⁴⁷

A Igreja celta na Irlanda e na Escócia foi acima de tudo uma Igreja missionária. Culturalmente a igreja irlandesa de Patrício e Columba brilhou muito no norte da Europa entre 590 e 800. Estudiosos e missionários formavam uma corrente que partia da Irlanda, passava pela Inglaterra e ia até o continente, e até mesmo para além das fronteiras do Império de Carlos Magno (742-814). Este “bárbaro cristianizado” foi em alguns aspectos um segundo Constantino, e seu poder político não foi igualado na Europa ocidental durante meio milênio. Ele, porém, mostrou-se superior a Constantino em diversas áreas, havendo patrocinado diligentemente um número muito maior de atividades cristãs. O fato de os grandes centros de estudo



Carlos Magno
(742-814)

⁴³ Este é *Columba o Jovem* (c. 543-615), que passou a ser chamado de *Columbano* para não ser confundido com Columba.

⁴⁴ *Agostinho de Cantuária* (m. 609), que foi enviado por Gregório I à Inglaterra, à frente de uma missão de quarenta monges beneditinos. Tornou-se o primeiro arcebispo de Cantuária. Gregório Magno (c. 540-604), o maior bispo de Roma no primeiro milênio, era fruto de uma comunidade beneditina.

⁴⁵ WINTER, op. cit., pp. 173-174.

⁴⁶ WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. Vol. 1. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1983, pp. 260-261.

⁴⁷ GONZÁLES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão*. Vol 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p.103.

estabelecidos por Carlos Magno serem cópias e ampliações de pontos missionários recentemente estabelecidos bem dentro do território germânico é de interesse para os missionários. Tratava-se de um fruto do trabalho de missionários britânicos e celtas, os quais haviam sido enviados por centros tão distantes como Iona e o promotório de Lindisfarne, na Bretanha.

Centro do culto e da liturgia, da vida social, assistencial e cultural da época, a Igreja tornou-se a espinha dorsal da construção carolíngia. No período carolíngio, o papel da Igreja, enquanto centro de cultura, foi reforçado.⁴⁸ Carlos Magno, embora fosse sem dúvida um estudioso, estava preocupado com o desenvolvimento intelectual e espiritual do seu reino, e tentou atrair para ele os mais veneráveis sábios do seu tempo. A principal origem de tais estudiosos foram as Ilhas Britânicas, cujos mosteiros haviam se tornado os principais depositórios da cultura clássica.

Aliás, a primeira séria tentativa de se ter qualquer coisa parecida com educação pública teve início com o grande líder tribal Carlos Magno, que aceitou os conselhos e os estímulos dos missionários e estudiosos anglo-celtas, tais como Alcuin (c. 735-804), cujos projetos finalmente exigiram a ajuda de milhares de cristãos alfabetizados da Bretanha e da Irlanda nas escolas masculinas fundadas no continente. As invasões tribais haviam destruído a civilização do império romano de um modo tão amplo que, embora difícil de acreditar, professores irlandeses de latim (que nunca foi uma língua nativa na Irlanda) chegaram a ensinar latim em Roma.⁴⁹

Infelizmente, o *Sacro Império Romano Germânico* foi incapaz de encontrar as características de Carlos Magno. “O vulcão irlandês que, durante três séculos, havia expelido um fogo apaixonado pela evangelização” – conforme se expressa Winter – “estava quase ao ponto de se extinguir”. Internamente, a mudança do modelo irlandês de monasticismo para o beneditino representou em muitos aspectos um progresso, mas aparentemente criou também maiores possibilidades para o desenvolvimento da opulência e esplendor não-cristãos, que atraíram os olhos dos cobiçosos *vikings*. Estes guerreiros, saqueando e estabelecendo-se na Irlanda, seguiram os caminhos dos antigos peregrinos irlandeses até a Inglaterra, e daí até o continente, só que desta vez trazendo ruína e destruição, em vez de uma nova vida de esperança. Após a “renascença carolíngia”, assim como no passado, mais uma vez invasores apareceram e a catástrofe e o caos se seguiram. Quando a Cristandade não foi à Escandinávia alcançar os povos pagãos, mais uma vez, tal qual no passado, eles vieram até ela.⁵⁰

Como conclusão deste ensaio podemos citar Winter, que escreve com enorme propriedade:

Durante a longa noite do declínio progressivo da parte ocidental do império romano, quando as migrações tribais rebaixaram quase toda a vida no ocidente ao nível de vida das próprias tribos, os dois grandes ideais regeneradores foram a esperança de reconstruir a glória que Roma tivera no passado e a esperança de fazer com que tudo se sujeitasse ao Senhor da Glória.⁵¹

⁴⁸ MENDONÇA, Sonia Regina de. *O Mundo Carolíngio*. Série Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 59ss.

⁴⁹ WINTER, *op. cit.*, p. 174.

⁵⁰ Um contraponto ou sinal do declínio da influência celta durante este período esteve na literatura baseada na “matéria da Bretanha”, com seus grandes ciclos. Exemplos disso foram “*O Rei Arthur e seus cavaleiros da Távola Redonda*”, nos romances de Chrétien de Troyes (1135-1183); o “*Santo Graal*”, vaso mágico da mitologia celta transformado no cálice que recolhera o sangue de Cristo na cruz; “*Tristão e Isolda*”, versão escrita por Bérout, na França, no século XII – que teve a sua origem na lenda celta do século IX, um dos contos arturianos mais populares da Idade Média; etc. Cf. FRANCO JÚNIOR, *op. cit.*, 1986, pp.137ss.

⁵¹ WINTER, *op. cit.*, p. 175.